

## Efeito Vieira

É noite e, tomo rumo do leito,  
qual ave que vai buscar guarida  
no ninho, ao cabo de diurna lida,  
esgotado corpo indo ao pouso;  
na cama, tão logo eu me ajeito,  
a mente se apaga num repente,  
presto mergulho no inconsciente,  
meu ser encontra seu repouso.

Na cabeça, se dá troca de turno;  
o hemisfério cerebral que dormita,  
para o controle assumir desperta,  
das tarefas que tem, lê o resumo...  
Será o piloto do meu voo noturno  
e, cai no sono o outro hemisfério...  
Tudo isto é rotina e, embora sério,  
é um fato automático, o presumo.

E, é assim, em tal onírico estado,  
que toma meu ser outra direção;  
eu nem percebo a troca de mão,  
prossigo na viagem, já dormindo...  
O plano de percurso é elaborado  
e, a inconsciente cerebral metade,  
laborando com sua boa vontade,  
o Mundo dos Sonhos vai abrindo.

E, é dormindo, que me transmuto:  
jurista, passo a outras profissões;  
sou agrimensor e, faço medições;  
engenheiro, construo meu mundo  
ou, então, ensimesmado, absorto,  
lidando com números, mui prático,  
a alma assumo de um matemático  
e, faço cálculos geniais, profundos.

\*\*\*\*\*

Agora, sonho com dia radioso,  
por fresco vento bem arejado,  
tempo primaveril, temperado  
com clima bom, enfim, ideal;  
no céu, um Sol todo glorioso  
banha em luz, generosamente,  
os prédios, as casas e, a gente  
da catarinense e bela Capital.

Pois bem, em sonho eu estou,  
agora, nas areias da Joaquina,  
bela praia de Santa Catarina  
e, a vejo com alma encantada,  
pois, baita cardume ali chegou  
e, os peixes seguem nadando,  
até as ondas irem se quebrando,  
dando, então, ligeira volteada.

A atenção desvio, por instantes;  
chegados do sul, havia percebido  
lepidópteros voando, sem alarido,  
suas asas batendo, com agitação;  
coisa linda, quase que delirante,  
é bando de coloridas borboletas,  
esvoaçantes e, levíssimas atletas,  
que fugiram ao frio, em migração.

Nisso, me vem a constatação:  
tais insetos, em buliçosa turba,  
de modo algum ali perturbam  
à atmosfera, ao tempo, clima;  
vão em sua silente procissão,  
no caminho seu prossequindo,  
nenhum farfalhar se ouvindo,  
no esvoaçarem lá por cima.

Um Beremiz Samir me senti,  
ante a maravilha da natureza;  
contemplando uma tal beleza,  
delas o total eu fui somando,  
útil costume que, aliás, aprendi  
lendo *O Homem que Calculava*,  
no qual Malba Tahan mostrava  
aquele persa, tudo computando.

Oh, meu Deus! – exclamei,  
no meu sonho inda aferrado.  
Como grupo tão avantajado  
voa, assim, sem barulhada?  
Mas, dormindo, raciocinei  
que, silentes, sem ruídos,  
voam lepidópteros isolados  
e, nada mais nada é nada.

\*\*\*\*\*

As borboletas partindo,  
nas águas o olhar relanço  
e, maviosa cena alcanço,  
mui bela, cheia de graça:  
estão peixes perseguindo  
uma enorme e ágil vieira,  
que deles escapa, ligeira,  
em cada onda que passa.

Numa folga dessa carreira,  
seus caçadores ocupados  
em desviar, preocupados,  
à já próxima arrebentação,  
tirando o proveito, a vieira  
a parede d'água atravessa,  
sai voando a toda pressa,  
se livrando à perseguição.

Que vejo? Vieira voadora?  
Não! Não é isto possível!  
Seria por demais incrível,  
mesmo tendo bom motivo!  
São as vieiras nadadoras,  
mas, esta voa! Lá vai ela!  
Varando a hídrica janela,  
dera um salto evolutivo.

E, não torna para o mar,  
como seria o esperável...  
A ostra – eis, o admirável! -,  
nem da praia socorro quer,  
pois, tenta se manter no ar,  
bate as valvas, sopra, voa;  
gosta da coisa, acha boa,  
no voo tem novo mister.

Posso vê-la, prazenteira,  
gozando seu mundo novo...  
Sobrevoa a praia, o povo,  
vê ruas, casas, a cidade,  
atravessara já a fronteira,  
à sua espécie demarcada  
e, agora, a ostra afanada,  
explora outras realidades.

É, pois, a esta ostra voando,  
que vejo em sonho divertido...  
Como terá ela conseguido  
conquistar essa libertação?  
Me quedo pasmo, cismando  
em como tudo isto se dera...  
Como o aquático ser pudera  
vivenciar tal transformação?

Sonhava ainda, extasiado,  
as vistas a acompanhando,  
mas, o molusco, acelerando,  
da contemplação me sumiu,  
sucendendo outro inesperado:  
em velocidade tresloucada,  
as energias desequilibradas,  
a arrojada vieira explodiu.

Daí, para o meu espanto,  
o clima reinante se alterou;  
ficou muito frio e, até nevou  
lá no Morro do Cambirela;  
o mar, como por encanto,  
engrossou, brabo, agitado;  
acontecesse um tornado,  
seria tudo por causa dela.

Do Morro da Cruz, o tranco,  
fez rolar pedras, se abalou;  
só a gente que não sonhou,  
pôde escapar, impunemente;  
como sonhei, nesse arranco  
eu me recolhi, muito sofrido,  
com o pensamento varrido  
por um vendaval inclemente.

Senti impacto mui violento,  
o chão, sob os pés, tremeu  
e, o Cambirela estremeceu,  
ameaçando uma erupção;  
odor de enxofre traz o vento  
e, estou aturdido, abismado,  
pois, lá no remoto passado,  
fora o tal monte um vulcão.

Sonhando, tenho a visão  
de que o pânico é geral;  
no mundo, o clima global  
de repente se alterara;  
o epicentro da convulsão,  
fora em Santa Catarina,  
lá na Praia da Joaquina,  
o sismógrafo o registrara.

\*\*\*\*\*

Então, eu acordei, suado  
em razão do sonho havido...  
Qual seria o vero sentido,  
de tal onírica informação?  
Jamais eu tinha encontrado  
em Freud, Jung, algo assim...  
O meu sonhar se ri de mim,  
clamando a interpretação.

Saio, então, para o jardim  
e, é a brisa refrescante...  
Contemplo o céu brilhante  
e, nele, a Lua engastada.  
Da abóbada bela, sem fim,  
para mim piscam estrelas...  
Dá gosto de, assim, vê-las...  
eu amo a noite estrelada.

Cismo onde finda o sonho  
e, tem começo a realidade?  
É noite invernal, na verdade,  
sem primavera na Joaquina;  
meus pensares são bisonhos,  
no tocante à climatologia;  
nem fui à praia nesse dia,  
proseei no bar da esquina.

Ainda visto meu pijama;  
como sono não tem preço,  
torno ao leito e, adormeço,  
como deveria acontecer  
e, agora, caído na cama,  
confesso que, sem custo,  
durmo o sono dos justos,  
na espera do amanhecer.

\*\*\*\*\*

No alvorecer, sol de fogo  
muito cedo já faz andança;  
se desperta a vizinhança  
e, clama em altos brados,  
as emoções em desafogo,  
por algum fato acontecido  
e, é tão forte seu alarido,  
que me acordo, assustado.

É o vinte e três de julho,  
dois mil e treze é o ano;  
forte burburinho humano  
coloca a rua em vespeiro.  
Qual a causa do barulho?  
Picos plenos de brancura,  
brilha em neve a cobertura  
lá da Serra do Tabuleiro.

A população, intrigada,  
não oculta seu espanto;  
se fala, por todo canto,  
do fenômeno inusitado;  
mesmo antiga gentarada,  
algo igual não recordava  
e, dando sua fé, afirmava  
que havia o clima virado.

Raciocinando friamente,  
percebo, tivera intuição,  
posta em melhor versão,  
de um atrator mui famoso:  
um Efeito Vieira, somente,  
não de borboleta qualquer,  
poderia fazer acontecer  
fenômeno tão espantoso.

\*\*\*\*\*

Ah! Eu invejo quem perscruta  
os dias, noites, vigiando ares,  
olhos no céu, na terra, mares,  
fixando-se na Criação de Deus,  
seus sinais vê, sua voz escuta,  
tem o Universo bem mais perto  
e, para a verdade me desperto:  
quem assim faz, não é um ateu.

Das alturas, vem a ternura;  
em cada nuvem aveludada,  
a ruidosa, alegre criançada,  
vê a inocentes cordeirinhos;  
o céu nos inspira a aventura  
de azuis horizontes, infinitos  
e, nele, vemos ali descritos,  
arcanos, celestiais caminhos.

Hoje, um céu de brigadeiro,  
amanhã, carregado de riscos,  
com trovões, raios, coriscos,  
prenúncios de tempestades;  
dedicação requer, por inteiro,  
dos meteorologistas a atuação;  
não há improviso na função,  
nem veleidades da vontade.

Vivem a lidar com os números  
e, seus cálculos atmosféricos,  
ventos, marés, corpos esféricos  
e, constato nisto outra verdade:  
são desses cientistas inúmeros  
que veem, na bela Matemática,  
cuja ciência põem em prática,  
uma sublime obra da Divindade.

\*\*\*\*\*

Ledor do tempo, de renome,  
era cientista cioso, dedicado;  
trazia o clima bem observado,  
por instrumentos bem medido;  
Edward Lorenz, o seu nome  
e, na computação mui prático,  
fazia modelos matemáticos,  
nas previsões era comedido.

Gigante máquina ele operava  
que, de atual celular apanharia  
e, a tal monstro ele alimentaria,  
paciente, no tal inserindo dados  
o que, à sua época, lhe bastava  
para ter satisfatórias respostas,  
pois, quem faz aquilo que gosta,  
se dá por profissional realizado.

No limiar dos anos sessenta,  
no computador tendo posto,  
Lorenz estuda e, com gosto,  
as correntes de convecção;  
criar modelo climático tenta;  
os cálculos não o oprimem,  
faz uma parada e imprime,  
obrigando-se à interrupção.

A tarefa sendo retomada,  
a tal etapa retrocedendo,  
à máquina vai fornecendo  
os valores antes captados  
e... não entende mais nada.  
Cálculos já não dão certo,  
há diferença e desacerto  
e, fica o tal embasbacado.

Não há erro na operação;  
o maquinário faz o serviço,  
cumpre o seu compromisso,  
capricha em achar decimais  
e, as registra, tal sua missão;  
memória fraca, a impressora  
corta algumas, qual tesoura,  
pois, para si, eram demais.

Mais tarde, o computador,  
dados distintos recebendo,  
dois zeros foi crescendo,  
pois, trabalha sob ordem...  
Há discrepância um horror,  
semelha ser, caoticamente,  
cálculos feitos por demente  
e, vira a previsão desordem.

Fosse o Lorenz algum bocó,  
toda questão por ali parava;  
tais errôneos dados retirava  
e, pelos certos os substituía,  
mas, da Ciência Deus tem dó,  
fê-lo do Poincaré se recordar,  
no estudo do caos o pé firmar,  
vindo a inovar na sua teoria.



No clima, pensa prudente,  
qualquer mínima alteração,  
poderá gerar complicação  
e, de resultados colossais,  
assim como, num repente,  
adição de dupla de zeros  
ocasionou o enorme erro  
e, de resultados abismais.

A colega de mente aberta,  
confia a descoberta recente  
e, o tal, rindo gostosamente,  
se sai com tirada brilhante:  
- “Se tua teoria fosse certa,  
um bater de asas de gaivota,  
então, alteraria – tome nota! –  
o curso do clima, totalmente!”

E, outro, o Merilees, proporia  
- Lorenz aceitaria, no capricho -  
trocar a gaivota por outro bicho:  
“- O só bater de asas, no Brasil,  
de uma borboleta, desencadearia  
no distante Texas um tornado?”  
Indaga ao mundo assombrado  
e, o Efeito Borboleta daí surgiu.

Agiu bem o meteorologista,  
no fundamentar sua teoria,  
o demonstrar que preferia  
as nossas borboletas lindas.  
Um Paraíso dos Cientistas  
eles, no Brasil, apaixonados,  
topam com insetos variados,  
com fauna, mui rica, infinda.

\*\*\*\*\*

Pesquisadores têm queda  
por furacões, por tornados,  
aliás, são eles fissurados  
até pelo menor turbilhão  
e, essa turma vai e estuda  
a tudo que no mundo gira,  
ao que revolteia, revira  
e, à gente, causa emoção.

De se ver, dá mesmo gosto  
os movimentos dos fluidos,  
do ar, das águas, seguidos  
escoamentos complicados,  
em esquemas claros postos  
ou, então, desconhecidos,  
os observadores perdidos  
com irregulares resultados.

Forças agem nos mundos,  
a forte, a fraca, gravidade,  
magnética e a motricidade,  
não em um modo disperso,  
mas, sim, ordeiro e fecundo,  
limites nos poderes atuando  
e, assim, vai se efetivando  
um equilíbrio do Universo.

Hoje, já décadas passadas,  
com instrumentos apurados,  
GPS e os satélites inovados  
tornando o tempo previsível,  
a Física Quântica destinada  
a revolucionar a computação,  
ameaça afastam de turbacão  
que torne a leitura impossível.

\*\*\*\*\*

Com sincrônicas elípticas  
que, unidas, um par formou,  
um modelo Lorenz elaborou  
e, o Efeito Borboleta definiu,  
porém, eis a minha crítica:  
não tem corpo e perninhas;  
não tem cabeça, anteninhas,  
só o par de asas construiu.

E, qual uma causa, ademais,  
para o poder sobre os ventos,  
colocar o clima em tormento?  
Uma só borboleta menciona,  
não um concurso de animais.  
Isto, jamais, causa tornados  
e, mais que seja avantajado,  
um inseto clima não detona.

Borboletas não destroem,  
antes, toda vida equilibram,  
polinizam flores que abrem,  
tornando mais fértil a vida;  
mundo melhor constroem,  
sendo um símbolo de paz  
e, cada qual delas nos faz  
a existência mais colorida.

De vero, passei infância  
e, até parte da juventude,  
convivendo em plenitude  
e, com elas mui envolvido,  
a todo tempo e instância;  
sei que, houvesse perigo,  
lá com elas, ao desabrigo,  
tornados mil teria sofrido.

São elas criaturas leves,  
como almas sem pecados,  
animaizinhos destinados  
a só voarem nos ventos;  
adaptadas ao viver suave,  
não têm papel explosivo  
e, recordam, em decisivo,  
santidade do pensamento.

São as borboletas, enfim,  
destinadas, tão somente,  
a viverem teluricamente,  
não tendo as tais condição  
para ocasionarem, assim,  
algo de tão insubordinado,  
provoquem brabo tornado,  
pondo clima em convulsão.

Ou, falham as espoletas  
e, sem qualquer estrondo,  
sem um rebuliço tremendo,  
tudo tende a se equilibrar,  
quando par de borboletas,  
se anulando cem por cento,  
alçando num só momento,  
sai esvoaçando pelo ar.

Não parece, dessa sorte,  
estivesse o tal Lorenz certo  
e, um lepidóptero desperto  
aqui no Brasil, só voejando,  
fosse na América do Norte  
provocar por lá um tornado,  
deixar o seu clima alterado,  
ao mundo ir transtornando.

Aliás, percebo mais furos  
no tal do Efeito Borboleta:  
o seu autor não apresenta  
do inseto a espécie e porte,  
se vive no claro, no escuro  
e, neste Brasil continental,  
se sai o Lorenz muito mal,  
não diz se do Sul, do Norte.

Da estupenda presença  
da borboleta azul gigante  
à traça que, insignificante,  
vem à tela do computador,  
se registra bairra diferença  
e, admira que tal cientista  
tenha sequer dado a pista  
de qual gênero foi dispor.

Borboletas, batendo asas,  
poderão intervir nos ventos?  
Das águas, nos movimentos?  
Dar velocidade, reduzir atrito?  
Aumentar o calor que abrasa?  
Ao que se move, finalmente,  
dar energia, continuamente,  
gerar um caos como efeito?

Só turbulência, caos não é,  
mas, fluir previsto e ordeiro;  
se tem aspecto fuzarqueiro,  
é ao observador desavisado.  
Nas leis da Física, boto fé  
e, vejo nos líquidos vertidos,  
agito do ar, corpos movidos,  
princípios bem observados.

\*\*\*\*\*

O Atrator de Lorenz, precário,  
resulta em cálculos grosseiros;  
simplificou o caso por inteiro,  
a três dimensões recorrendo,  
relegando, pois, fatores vários,  
dispensando dimensão infinita,  
mas, sua teoria é boa e bonita,  
aplauso justo vem recebendo.

Como em referido modelo  
é a borboleta inadequada,  
Lorenz não está com nada  
no eleger, assim, tal bicho;  
a meus raciocínios apelo  
e, é assim, de tal maneira  
a substituindo por vieira,  
que a teoria aqui espicho.

Porque, veja-se, tais ostras,  
vivem soltas, vivazes, sãs;  
ao contrário de suas irmãs,  
não levam um viver parado;  
não dão as vieiras mostras  
de apreço à vida sedentária,  
amam ir em direções várias,  
tais baguais soltos no prado.

Outros bivalves moluscos,  
se movem mui lentamente,  
pois, caminham duramente,  
o peso da casca sentindo;  
já, vieiras, modos bruscos,  
correm livres e belamente,  
deslizam n'água, contentes,  
brincando, se divertindo.

É, esta tal, uma linda ostra,  
bivalve, robusta e marinha;  
na antiga Europa ela tinha,  
já também, função religiosa,  
pois, tal a Mitologia mostra,  
Vênus numa vieira nasceu  
e, então, do mar apareceu,  
mui bela, gentil, poderosa.

E, gerada, a deusa cresceu  
na vieira, linda e agradável,  
de duas peças, confortável,  
fertilizada pelo deus Urano,  
num incidente que ocorreu;  
em tal suave concha criada,  
foi ali alimentada, educada,  
no bom frescor do Oceano.

A vieira comum é teteia,  
e, na palma da mão cabe;  
a Europa Antiga, se sabe,  
não conheceu a gigante;  
lindo afresco de Pompeia,  
deitada tal deusa mostra,  
dentro de sua imensa ostra,  
vinda ao mundo, radiante.

Será que, mares abrindo,  
fenícios, gregos, romanos,  
viajando por meses, anos,  
arribando às plagas belas  
das cálidas águas do Indo,  
mergulhando dentre corais,  
às Tridacna gigas, no mais,  
toparam por lá com elas?

Ou, foi só por curioso jeito  
que, algum antigo europeu,  
certa feita sua pá meteu  
no chão, em atividade dócil  
e, do passado insuspeito,  
sacou, para seu espanto,  
de velho oceano já morto,  
uma concha gigante fóssil?

E, em terra, tal deusa pisa,  
para assumir o que é seu;  
nenhum deus lhe prometeu  
o poder, glória ou um trono,  
mas, nada carece, precisa,  
pois, é o Amor e tudo pode;  
por ela, corações explodem,  
até deuses perdem o sono.

Esbelta, sedutora, formosa,  
tem a pele alva, qual a Lua  
e, não necessita estar nua,  
para causar encantamento;  
tem sua voz maciez da rosa  
e, supera nos traços, formas,  
as belezas ideais supremas  
que exibem os monumentos.

Desce Vênus, pressurosa,  
da vieira, o seu transporte;  
toda linda, loira, belo porte,  
pudica cobre, com as mãos,  
a nudez tão esplendorosa;  
talvez, se assim a retrata  
o Botticelli, é porque tenta  
a adequar ao sentir cristão.

Na praia, uma das Horas,  
também, elegante e bela,  
vê a deusa e, acorre a ela,  
manto oferente nas mãos  
e, a ninfa a recebe, agora;  
Vênus distribuirá seu amor,  
a sua paixão, o seu ardor,  
segundo narra a tradição.

\*\*\*\*\*

Mas, a concha é, também,  
símbolo do túmulo protetor,  
que acolheu nosso Salvador  
e, protege a todos cristãos,  
se o passamento sobrevém;  
é parede e é um muro forte,  
que nos protege na morte,  
até advir a ressurreição.

E, nos recorda, a concha,  
a maternal Virgem Maria  
que, ao filho seu escondia  
no útero, bem protegido,  
até que, fogueada tocha,  
Jesus nasceu, a brilhar,  
para ao mundo iluminar,  
salvar o humano perdido.

Assim, já no cristão tempo,  
indo libertar a Terra Santa,  
o cruzado a vieira levanta,  
qual um símbolo da sua fé  
e, firmados em tal exemplo,  
peregrinos de Compostela  
nos chapéus ostentam ela  
se, a Santiago vão a pé.

Por tradição das Cruzadas  
ou, por outras razões mais,  
diversas igrejas medievais  
as trazem em pétreo lavor,  
na parte interna à entrada  
e, objetos as representam,  
tais as pias de água benta,  
lembrando o cristão fervor.

Dos Peregrinos a Concha  
de São Jacques, estimada,  
vem de espécie, afamada,  
a Pecten maximus, bonita;  
aqui no Brasil, não se acha,  
mas, temos a Pecten ziczac  
e, o nome indica ser craque,  
quando nas águas se agita.

As Pecten nodosus, nossas,  
têm as duas conchas iguais  
e, dão fortes saltos mortais,  
quando o perigo é chegado;  
não há quem a elas possa  
agarrá-las, porque, atentas,  
qual bando de borboletas,  
“voam” pra todos os lados.

\*\*\*\*\*

São as vieiras presentes,  
desde a Pré-história remota.  
Em Santa Catarina, se nota  
no chão pelo Taió banhado,  
que lá viveram, contentes,  
nadando em antigo oceano,  
que houvera do Permiano  
ao Carbonífero, no passado.



É certo que os catarinenses,  
por ostras demonstram amor  
e, não apenas por seu sabor,  
seja gratinada ou, ao natural,  
mas, pelo vínculo que nasce  
lá em prisca era, no passado,  
ao Povo das Ostras chegado  
e, se esparramando no litoral.

Se associaram humanos  
às ostras, no tempo antigo,  
lhes sendo recurso amigo,  
desde eras mui recuadas,  
pois, por milhares de anos,  
quem coletando as vinha,  
em tais moluscos se tinha  
alimento, fogão e morada.

Os sambaquis brasileiros,  
tais quais os catarinenses,  
do seu valor já convencem  
pelos acervos importantes;  
nesses curiosos concheiros,  
dentre restos de fogueiras,  
têm-se atavios, esculturas,  
ossos de antigos habitantes.

Pois, em heroicas jornadas,  
envoltas em mistério, ainda,  
nesta terra mui fértil e linda,  
o tal Homem do Sambaqui  
chega e, logo se acomoda;  
come ostras, larga conchas,  
sobre estas ele se arrancha  
e, por milênios, habita aqui.

Antas, veados caçavam  
e, valentes como leões,  
mesmo baleias, tubarões  
capturavam os portentos,  
mas, se peixes pescavam,  
possuíam sobremaneira,  
nas ostras, tais as vieiras,  
sua mor fonte de sustento.

Sobre conchas morava,  
essa gente sobranceira;  
tinha nelas as fogueiras,  
cozinhas, leitões também;  
nelas nascia e habitava  
e, os corpos enfeitados,  
com elas engalanados,  
assim, partiam pro Além.

Em cada área delimitada,  
de sambaqui pesquisado,  
em cada trecho decapado,  
trincheira que seja aberta,  
ao arqueólogo, ofertadas,  
vemos peças importantes  
e, conchas, dominantes,  
são uma presença certa.

Vejo um padre debruçado,  
sobre sítios mais diversos,  
de tal indígena universo  
do tempo remoto colosso...  
Com muito zelo e cuidado,  
coleta cacos, raspadores,  
flechas, lascas, moedores,  
colares, conchas e ossos.

Sempre me vem à memória  
tal sacerdote, alto e robusto,  
cientista amigo, bom e justo,  
das conchas o sabedor mor;  
arqueólogo da linda história,  
estudioso das velhas gentes,  
dando o passado de presente,  
é o Padre João Alfredo Rohr.

\*\*\*\*\*

Enfim, eis pacífica ostra,  
no oceano depositada,  
por fatalidade fecundada  
à revelia do sentimento.  
Sua rebeldia ela mostra,  
o conflito a transtornando,  
o trauma a impulsionando  
à paixão, ardor violento.

Tendo seu corpo violado,  
 a infeliz vai amargurando  
 e, à deusa nela gerando,  
 d'alma transmite a dureza;  
 não admira haja emanado,  
 dela, o furor dos furacões,  
 revoluções nas estações,  
 tornados de cruel destreza.

Pois, não é de se esquecer  
 que, da antes tranquila vieira  
 nos nasceu, em tal maneira,  
 do deus que filho não aguenta,  
 possuindo duplo modo de ser  
 e, por irmãs, um grupo terrível,  
 Vênus, de humor imprevisível,  
 tal o caos que Lorenz sustenta.

Vê-se, cabe bem o molusco  
 no Atrator que Lorenz mostra;  
 percebo, ali, uma bivalve ostra  
 cuja concha escancarou, abriu,  
 no estourar de modo brusco;  
 uma vieira, não uma borboleta,  
 será, pois, interpretação certa  
 para o modelo que construiu.

E, dou aqui mais uma razão:  
 são elas, ótimas nadadoras;  
 nas rasas águas, precursoras,  
 “batem conchas”, graciosas,  
 qual em complexa evolução,  
 e, até às borboletas imitando,  
 vão como que se adaptando  
 à aérea vida, mui corajosas.

\*\*\*\*\*

Reabro o conflito eterno  
 dentre Vênus e Borboleta,  
 pois, a Afrodite, ciumenta  
 por saber Psiquê amada,  
 querendo nisto pôr termo,  
 foi pedir a Eros, genioso  
 que, por algo tenebroso,  
 a tornasse apaixonada.

O deus, porém, é o Amor  
e, ante a juvenzinha bela,  
tanto se apaixonou por ela  
que, a Vênus ele engana;  
face um tal gesto traidor,  
no vingar a deusa segue;  
a Borboleta que persegue,  
é Psiquê, a alma humana.

\*\*\*\*\*

Oh! Que Universo admirável...  
Prefaciando, sacando o tempo  
do Uma Breve História do Tempo,  
ao Stephen Hawking honrando,  
em gesto belo quanto louvável,  
o Carl Sagan nos dá um alerta,  
para mantermos mentes abertas  
e, *non in litteris*, o vou citando:

Diz estamos equidistantes  
dos átomos e das estrelas  
e, analisando estes, aquelas,  
tão distantes no céu postas,  
expandimos nosso horizonte,  
grande e miúdo aprendendo,  
de seus fenômenos obtendo  
surpreendentes respostas.

\*\*\*\*\*

Enfim, em termos de agito,  
a borboleta batendo asas,  
não poderia arrasar casas,  
pôr o Texas, em convulsão  
e, deixo aqui, dito e escrito  
que, explosão de uma vieira,  
havia em terras brasileiras,  
abalaria mesmo ao Japão.

Possuindo a água marinha  
ótima função catalizadora  
e, também, sintetizadora,  
se equilibrava a tal vieira;  
saindo do mar - coitadinha! -,  
se encostou em antimatéria,  
rompeu controle da matéria,  
se estourou na brincadeira.

\*\*\*\*\*

Oh! Que paradoxo estranho!  
Como crer que cataclismos,  
os abalos, terríveis sismos,  
maremotos varrendo costas,  
tenham causa em bichinhos?  
Como supor que os tufões,  
os tornados e os furacões  
vêm de borboletas, ostras?

Oh! Este povo amoroso,  
mui romântico, o Catarina,  
que modos gentis ensina  
e, claro, borboletas adora,  
traz do passado pasmoso,  
num inconsciente coletivo,  
por ostras, amor explosivo,  
que viverá milênios a fora.

\*\*\*\*\*